

Sobre o Perdão

“Perdão impossível, mandá-lo para a Sibéria”.

Só para lembrar, essa é a frase que o Czar Alexandre II escreveu na ordem de prisão e morte de um prisioneiro, encaminhado para um calabouço da Sibéria. A Czarina Maria Fyodorovna, que não concordava com a determinação do marido, leu o documento, pediu que redigissem nova ordem e fingindo ler, mudou a vírgula, resultando em: Perdão, impossível mandá-lo para a Sibéria. Salvou assim a vida em questão.

Quando me dispus a escrever sobre o perdão, muita coisa me veio à mente. Há vinte anos, magoada, substituí meu conto, já escrito para o Caderno de Dante, para me queixar de injustiça sofrida, e saiu aos borbotões a história da mulher que passeava pelo Carnaval de Veneza com um vestido fantástico, de puro ouro. Dante a havia colocado no oitavo círculo do Inferno. Ela era a Hipócrita, e seu castigo tremendo, andar, itinerante, com aquele vestido-joia, precioso por fora, mas forrado de chumbo, que não lhe permitia sentar, deitar, descansar. O castigo da falastrona, da caluniadora, da maldizente, da língua viperina, sempre pronta a fingir ajuda, que depois transformaria sem piedade, trazendo desgraça, abatimento e dor.

Depois do desabafo colocando Dante como juiz, poderia ter deixado tudo isso no rol do esquecimento, entregar ao silêncio e apagar os ódios. Afinal as coisas haviam sido logo postas nos tais pratos limpos, em seguida ao acontecido. E eu, inocente, defendida contra os ventos e as marés.

Uma calúnia, sem aviso prévio que nos acolchoasse a alma para não sentir a dor, não merecia indulto ou relevamento. Em momentos em que o coração ainda respingava ferido, quase podia ouvir minha mãe, naquela insistência que as mães têm, de formar nos filhos o espírito benevolente e amistoso, “esquece, releva, perdoa,” e mesmo aconselhada para o bem, eu relutaria em dar o perdão para a hipócrita.

A alma feliz e a vida cheia de atrativos e carinho, plena de verdade e aconchego, trazem a facilidade em esquecer que falácias existem. Quando certo domingo, até aquela hora alegre, recebi a notícia de ser a vilã em caso considerado grave, a infâmia lançada de modo casual e displicente, entendi que eu era vista como ingênua, uma *água morna, cabeça fresca*, e não atinaria com a gravidade da coisa. A desafeto, no caso, desconhecia a recomendação dos franceses, “cuidado com a ira das pombas”.

Agora, frente a frente com a palavra Perdão, penso que ele, neste caso, foi para o fundo de um buraco negro insuspeito, ainda não localizado pela Física ganhadora do Nobel. Não há como resgatá-lo.

A túnica de sangue e trevas ainda existe. E se alguém ousou, com insensibilidade, expandir um relacionamento precioso, fico com a sentença

em minha mão e em meu controle, não a entrego a estafeta de espécie alguma, Czarina ou *moto-boy*, qualquer um que possa deslizar uma vírgula e desautorizar o veredito, Perdão impossível, mandá-la para a Sibéria.

Pseudônimo- Farol